

	<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		1 de 19

**MORRIS, I.**

**1992. Monuments to the dead: display and wealth in Classical Greece. In: *Death ritual and social structure in Classical Antiquity*. Chapter 5. Cambridge, Cambridge University Press: 128-155.**

**[tradução livre: Maria B. B. Florenzano; revisão Labeca]<sup>1</sup>**

*Seja lá você um cidadão ou um estrangeiro vindo de qualquer outro lugar  
Apiede-se ao passar por Tetichos, um bom homem.  
Caído na guerra, ele perdeu sua fresca juventude.  
Enlute-se por essas coisas e siga seu caminho para uma boa sorte.  
[JG, I 3, 1194 bis – Ática, meados do século VI]*

Oitocentos anos mais tarde, Ulpiano regulamentou que um monumento funerário por lei era “algo que existe para preservar a memória” [D 11.7.2.6]. A continuidade é surpreendente, mas, as transformações das funções dos monumentos também são surpreendentes. Neste capítulo vou concentrar-me em ciclos de ostentação de riqueza e de restrição da mesma. Oferendas aos túmulos e marcadores de túmulos são dois tipos de dispositivos de ostentação bastante diferentes. As primeiras são vistas apenas por aqueles que participam do funeral; os segundos por aqueles que vêm depois. Uma inscrição de Tasos aproximadamente do ano 500 é bastante explícita a esse respeito: “Quem quer que seja que não esteve presente quando me levaram embora, que me lamente agora; o memorial de Telefanos” [CEG, 159]. Entretanto, ambas as formas de ostentação (com poucas exceções) são criadas por aqueles que enterram durante o processo ritual de deposição dos mortos e podem apenas ser compreendidos em relação uma à outra. Meu ponto de vista é que elas oferecem uma moldura que organiza a história da estrutura social.

### **Marcadores de túmulos, democracia e além.**

Os marcadores de túmulos de Atenas, datados do século sexto, são, de fato, muito impressionantes: *koûroi* maciços, feitos de uma única pedra, que atingem milhões no mercado de arte atual, mesmo quando sua autenticidade é suspeita; estelas delgadas com esfinges no topo; ou enormes montículos como

---

1 O presente texto não inclui as notas de pé de página. Todas as datas são a.C.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		2 de 19									

o túmulo de Címon, provavelmente assassinado pela família dos tiranos em 528 [Heródoto VI.103.3]. Com efeito, encontramos outra quantidade de esculturas funerárias datadas do século VI. Em torno do ano 500 tudo isto acaba e os túmulos monumentais desaparecem em Atenas, até mais ou menos 425. Enormes túmulos reaparecem a partir dessa data, ainda maiores, até serem banidos por Demétrio Falero, provavelmente em 317 (fig. 27). Cícero [*Leis*, 2.64-5] refere-se a uma lei “de um pouco depois” da época de Sólon que decretou que “ninguém deverá fazer um túmulo que demande mais do que o trabalho de dez homens em três dias”. Muitos historiadores acreditam que Clístenes, que promoveu reformas em 508/7, ou Temístocles, que foi mais ativo nos anos 480, tenham promulgado esta lei e que ela explica as restrições do século V. Clairmont até sugere que um “decreto deve ter sido seriamente previsto pelo primeiro, mas que fora reforçado mais tarde por algum outro estadista mais radical” (1970: 11).

O final das restrições em c. 425 é usualmente visto em termos mais ou menos similares. Alguns acreditam que os escultores que foram para Atenas, nos anos 440, para trabalhar no Partenon, depois se ocuparam esculpindo pedras tumulares. Johansen, por exemplo, descreveu as esculturas funerárias “quase como um produto em série” de artistas que estavam em Atenas (1951: 146-7). Outros enfatizam o problema da peste que assolou Atenas em 430. Depois de tudo, Tucídides [II.52.3-4] afirma que a peste fez com que as pessoas negligenciassem os costumes funerários tradicionais. Clairmont afirma as duas coisas: “Enquanto é necessário considerar as causas externas – a guerra e a peste – que conduziram ao renascimento das pedras tumulares clássicas, a escultura do Partenon, em sentido mais amplo, é o *per se* preliminar para a criação dos relevos funerários”.

A minha crítica a estas posições é que estes autores retiram os monumentos de seu contexto ritual e desconsideram um grande conjunto de dados correlatos. Aprendemos mais se levamos em conta uma documentação mais ampla e, em particular, se acompanharmos o trabalho de Nicole Loraux que insere as restrições no contexto das orações fúnebres estatais para os mortos na guerra.

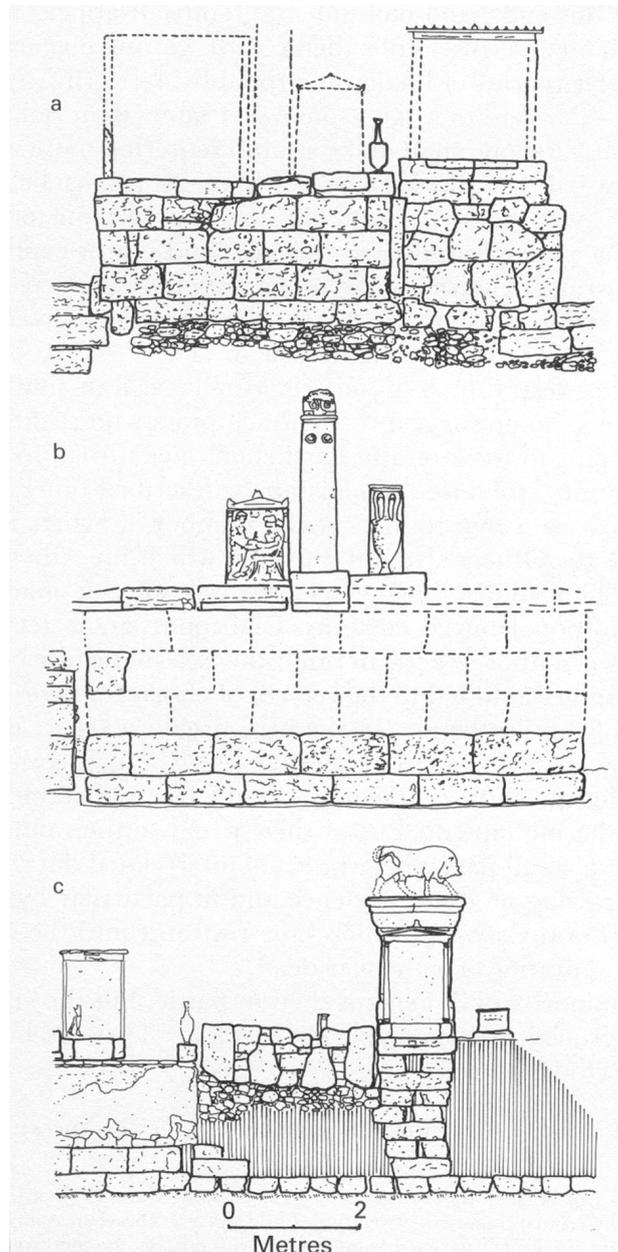


Fig. 27: Reconstruções de tumbas datadas do séc. IV d.C., localizadas no períbulo do *Keramikós*: tumbas de (a) Macário, (b) Dion de Kollytos e (c) Kóroibos.

Apenas uma minoria de atenienses morreu no campo de batalha, mas os funerais públicos foram uma parte crucial da ideologia democrática. Eles são melhor conhecidos pela descrição dada por Tucídides:

No curso do mesmo inverno, os atenienses, seguindo um costume de seus antepassados, celebraram às expensas do tesouro os ritos fúnebres dos primeiros concidadãos vítimas desta guerra. A cerimônia consiste no seguinte:

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		4 de 19									

os ossos dos defuntos são expostos em um catafalco durante três dias, sob um toldo próprio para isso, e os habitantes trazem para os seus mortos as oferendas desejadas; no dia do funeral, ataúdes de cipreste são trazidos em carretas, uma para cada tribo, e os ossos de cada um são postos no ataúde de sua tribo; um ataúde vazio, coberto por um pálio, também é levado em procissão, reservado para os desaparecidos cujos cadáveres não foram encontrados para o sepultamento. Todos os que desejam, cidadãos ou estrangeiros, podem participar da procissão fúnebre, e as mulheres das famílias dos defuntos também comparecem e fazem lamentações; os ataúdes são postos no *demósion sema* (cemitério público), situado na parte mais bela da cidade, fora das muralhas; lá são sempre sepultados os mortos em guerra, a exceção dos que tombaram em Maratona que, por seus méritos excepcionais, foram enterrados no próprio local de batalha. Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra aos defuntos. Depois disso, o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra, sempre que havia oportunidade, esse costume era observado. [Tuc. II, 34]

Os túmulos de guerra tinham monumentos de pedra erigidos como se fossem altares encimados por estátuas e por pedras inscritas com listas de baixas e, pelo menos em 394, um friso esculpido. Nos poemas homéricos, a tumba monumental ajudou a criar a glória imortal do herói individual; na Atenas do século V, isto foi virado de ponta cabeça, já que casas restringiam os gastos com funerais e a pólis empregava o túmulo para criar um ideal comum.

Meia dúzia de orações ou de imitações sobreviveram completas ou parcialmente, datadas de c. 430-320. O mesmo tema geral aparece em todas elas: o valor do cidadão morto no campo de batalha perpetua a virtude e a atemporalidade de Atenas como uma comunidade de guerreiros iguais e os atenienses, os únicos gregos nascidos do chão, são os cidadãos da maior e mais verdadeira pólis. Loraux (1986: 26) resume esta história ateniense de Atenas: “Ao enterrar seus mortos de guerra, a comunidade ateniense se apropriava deles para sempre e no *demósion sema* todas as distinções, individuais ou familiares, econômicas ou sociais que pudessem dividir os atenienses mesmo em seus túmulos ficavam abolidas”. O poder do monumento e a glória dos mortos em guerra eram retirados pela pólis dos cidadãos, individualmente, mas Loraux é rápida em apontar as ambiguidades. As listas de baixas, parte integrante dos monumentos, incluíam nomes de não atenienses, o que subvertia a mensagem do orador de um estado unificado de cidadãos. O hoplita das orações também



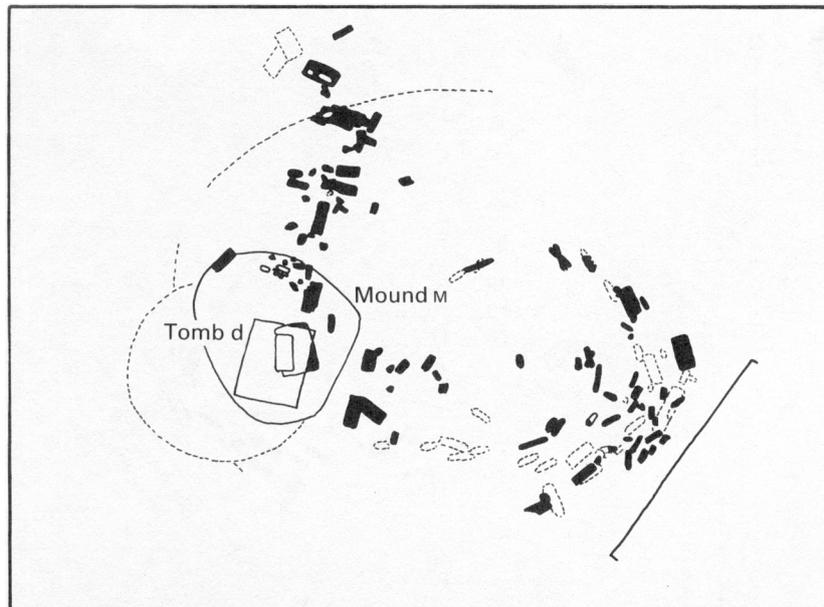


Fig. 28 (b): Área do monte G no Cemitério do Cerâmico, c. 475-450 a.C.

A figura 29 mostra como estes túmulos foram superpostos e temos que interpretá-los como uma linha familiar que não seguiu a prática geral. Estes enterradores ligavam-se com o passado sem ambiguidades. Não apenas eles insistiam na associação com o montículo G, mas o túmulo C264 foi certamente uma cremação consciente, no velho estilo homérico. Os guerreiros de Tróia continuaram oferecendo modelos de papéis aristocráticos e os montículos com estelas devem ter tido o papel de lembrar o nobre heróico para o público do século V. Os léцитos de fundo branco trazem dicas desta forma de elitismo, representando as tumbas como uma estela sobre ou na frente de um montículo em formato de ovo. Mas um grupo de atenienses foi, por razões hoje perdidas, capaz de exibir com ostentação símbolos não democráticos.

A evidência arqueológica demonstra que ocorreram mudanças importantes em torno de 425. Subitamente, há monumentos em toda parte. No catálogo de Garland, de 140 tumbas de períbolos (grupos de enterramentos circundados por um muro, frequentemente com esculturas e inscrições), apenas duas ou três são anteriores a 425 e apenas 1.5 % das esculturas funerárias no catálogo Veddar datam de 500-425.

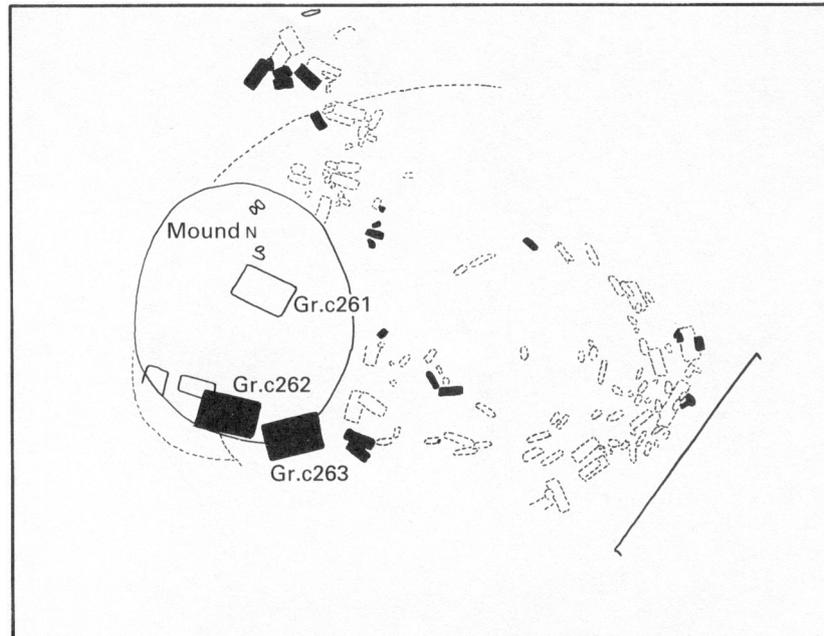


Fig. 28 (c): Área do monte G no Cemitério do Cerâmico, c. 450-475 a.C.

A remodelação completa do Cerâmico, com a construção dos túmulos, conhecida pelo nome de 'Terrassenanlage', começou provavelmente logo antes de 420. Menos de 5% dos enterramentos datados 500-425 podem estar relacionados a monumentos e a porcentagem real deve estar até abaixo de 1%. É difícil saber com precisão a proporção de enterramentos feitos no interior dos túmulos monumentais do século IV, já que tantos períbolos foram escavados apenas parcialmente ou foram publicados muito precariamente, mas os números também são relativamente baixos. A maior parte dos períbolos do século IV tinha apenas três ou quatro enterramentos, ainda que um deles, em Ano Voula, possuía trinta e um. A construção deste tipo de monumento parece ter sido muito mais acessível no século IV do que no V mas, mesmo assim, deveria ser uma parcela pequena da população que construía este tipo de túmulo. Eu diria que em torno de 10%. No final do século V, no cemitério do Syndagma, apenas seis enterramentos de adultos, em um total de 69, tinham períbolos (fig. 30). Foram encontrados, no entanto, vários milhares de epitáfios, geralmente fora de contexto e, então, pode ser que no século IV a maioria dos enterramentos atenienses tivesse apenas uma estela inscrita, enquanto um grupo muito menor era enterrado nos períbolos.

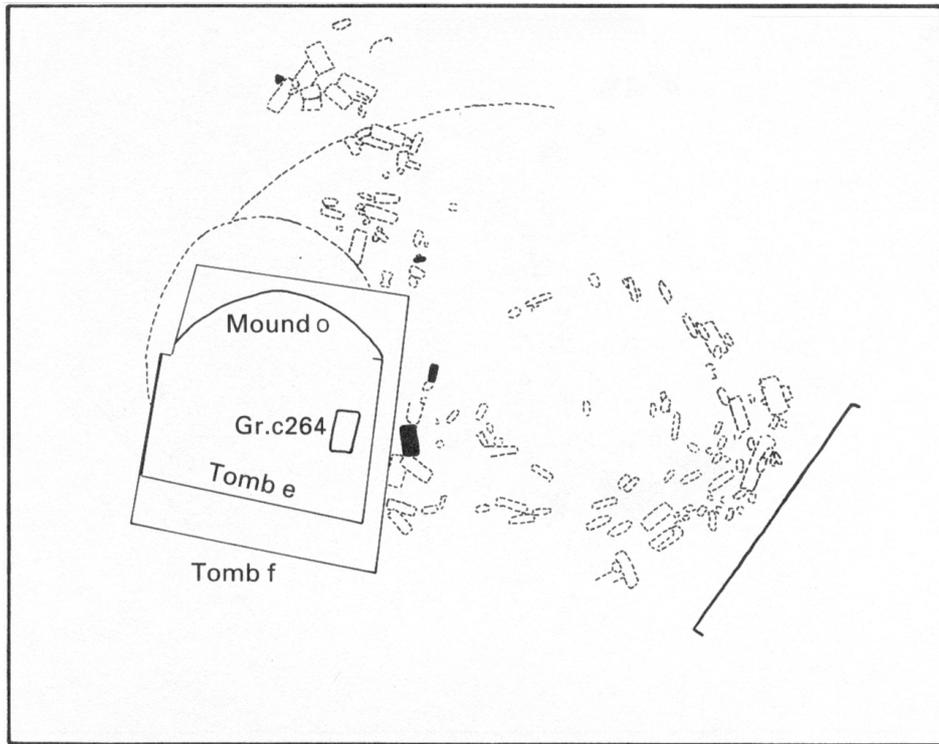


Fig. 28 (d): Área do monte G no Cemitério do Cerâmico, c. 425-400 a.C.

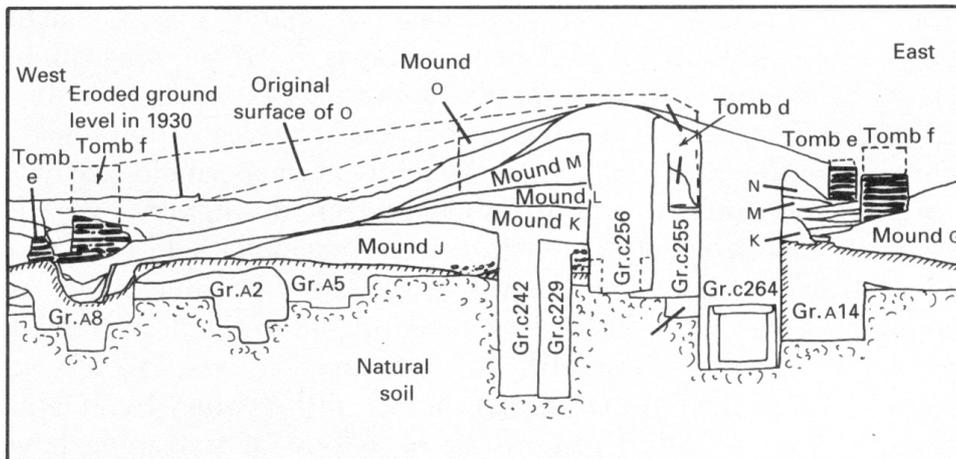


Fig. 29: Corte passando pela área do monte G no Cemitério do Cerâmico.

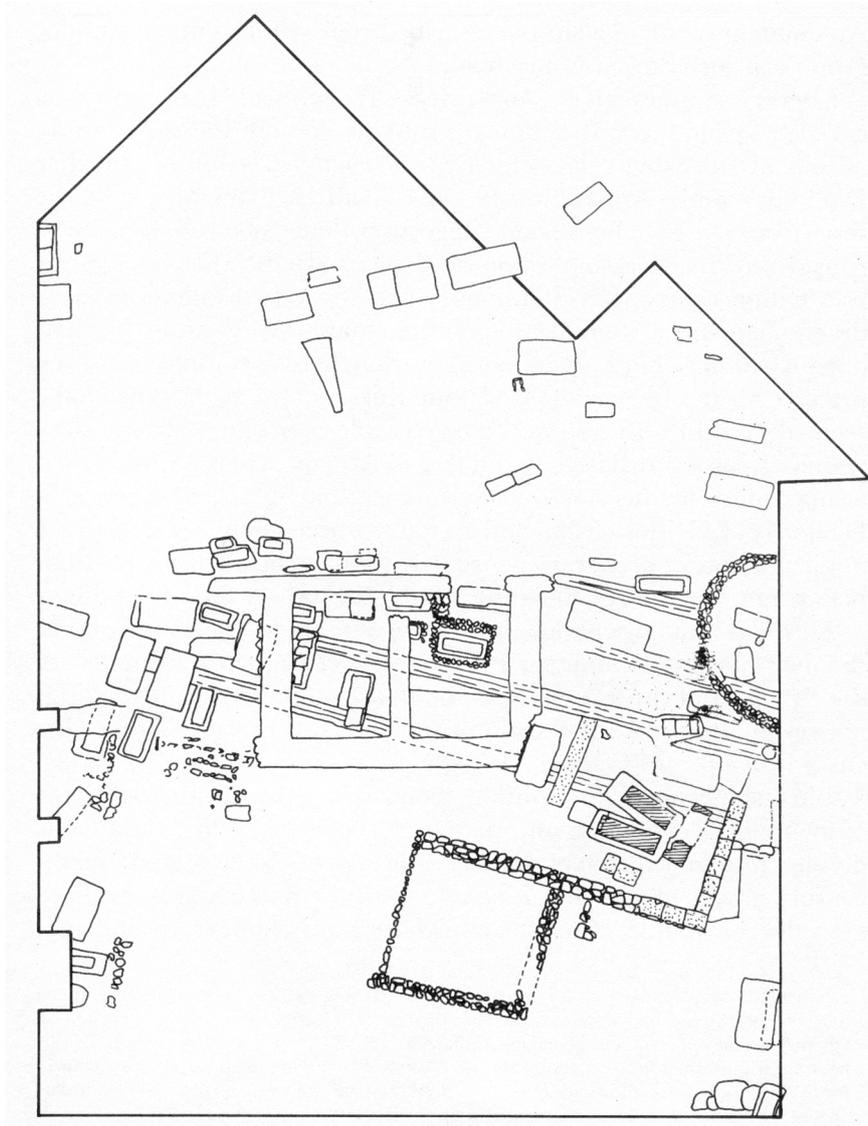


Fig. 30: O cemitério da praça Syndagma.

Fontes textuais apresentam alguns valores. Em 409, a um certo Diogeiton foi solicitado gastar 5000 dracmas (talvez o suficiente para sustentar uma família de quatro pessoas por uns cinco ou sete anos) para a construção do túmulo de seu irmão, Diodoto. Aparentemente, ele gastou apenas a metade disto e conservou o restante [Lísias 32.21]. Não há qualquer indicação de que 5000 dracmas fossem consideradas uma quantia excessiva. Em 349, Demóstenes [45.79] estava contando a um júri que Stefanos gastou mais de dois talentos (12000 dracmas) em um túmulo para a mulher de uma outra pessoa, depois que ele a havia difamado. A rede de ultraje moral é, aqui, complicada e o preço é sem dúvida exagerado, mas esta escala geral deve ter parecido bastante plausível. Em 326-5, Harpalus roubou 700 talentos do tesouro de Alexandre, na



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
<table border="1"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>					11 de 19						

labeca

A figura 32 mostra as proporções de enterramentos registrados em cada um dos cinco tipos principais por período. As mudanças mais interessantes aparecem no final do século quinto. A começar pelos enterramentos de adultos, os sarcófagos tornaram-se mais comuns a partir de c. 450. Mas há também uma mudança mais importante. De 500 a 425 há um tipo de enterramento claramente dominante, a inumação em cova simples: entre 62 e 69 %. De 425 a 300 não se registra esta ortodoxia. A cremação é, por um breve período, comum no final do século quinto e os enterramentos em potes de argila dominam durante o século quarto. A rápida mudança em relação aos símbolos é bastante interessante, mas o importante é que, depois de 425, o tipo dominante responde por apenas 40% dos enterramentos. O sistema ritual estava se abrindo, o que permitiu um espectro mais amplo de escolhas e a expressão de mais gradações para o status adulto.

Há uma mudança no enterramento de crianças em torno de 425 já que o enterramento em *larnáx* de argila (caixa) passa a ser mais comum do que os enterramentos em vasos de argila. O tipo dominante, no entanto, responde por 50-60% de todos os enterramentos. O enterramento em vasos parece ter sido usado para crianças menores e o aumento da presença de *larnáx* pode ser um indício de queda da idade na separação entre bebê e criança. Entretanto, possuímos poucos documentos sobre demografia e estes dados são pouco utilizáveis. Fazendo uma separação ao redor dos quinze anos, a relação criança : adulto declina de 1:3 em 500-475, para 1:2 em 425-400 e 1:7.3 no século quarto. Quando as crianças se tornam raras nos enterramentos, o mesmo ocorre com os enterramentos em covas, enquanto os enterramentos em cerâmica ficam proporcionalmente mais numerosos. Provavelmente muitos enterramentos, depois de 425, foram feitos em covas simples com pouco mobiliário funerário, tornando-os difíceis de serem identificados. Se assim for, veríamos um padrão semelhante àquele registrado pelos adultos, com uma rápida mudança na simbologia e um afrouxamento das restrições no final do século quinto.

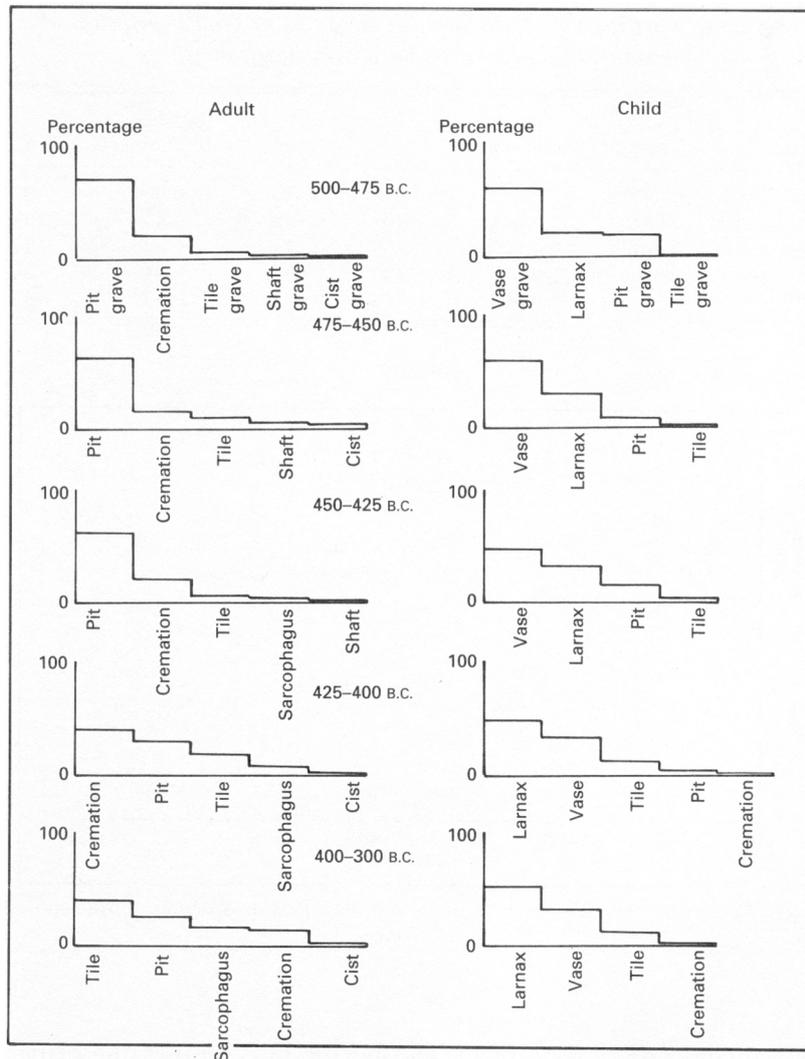


Fig. 32: Uso de diferentes tipos de enterramentos em Atenas, 500-300 a.C.

Até agora estou trabalhando com uma oposição simples entre enterramento público/estatal de um lado e, de outro, enterramento privado/ou da 'casa', de outro. Isto tem um valor específico, mas pode obscurecer mais do que revelar. Monumentos estatais também tornaram-se maiores depois de 425. Conhecemos pouco a respeito dos enterramentos da guerra, mas os marcadores simples erigidos pela pólis sobre as sepulturas de Pitágoras de Selymbria (450) e dos enviados corcireus de 432/1 é uma comparação pobre com os túmulos impressionantes dos oficiais espartanos mortos em Atenas em 403 ou com o túmulo em Horos 3 (350, fig. 33), que alguns acreditam ter sido erigido para o famoso general Chabrias. Ocorreu um aumento geral na escala e não se trata aqui de um colapso de uma simples distinção entre público e privado. Há alguma coisa mais complexa ocorrendo.

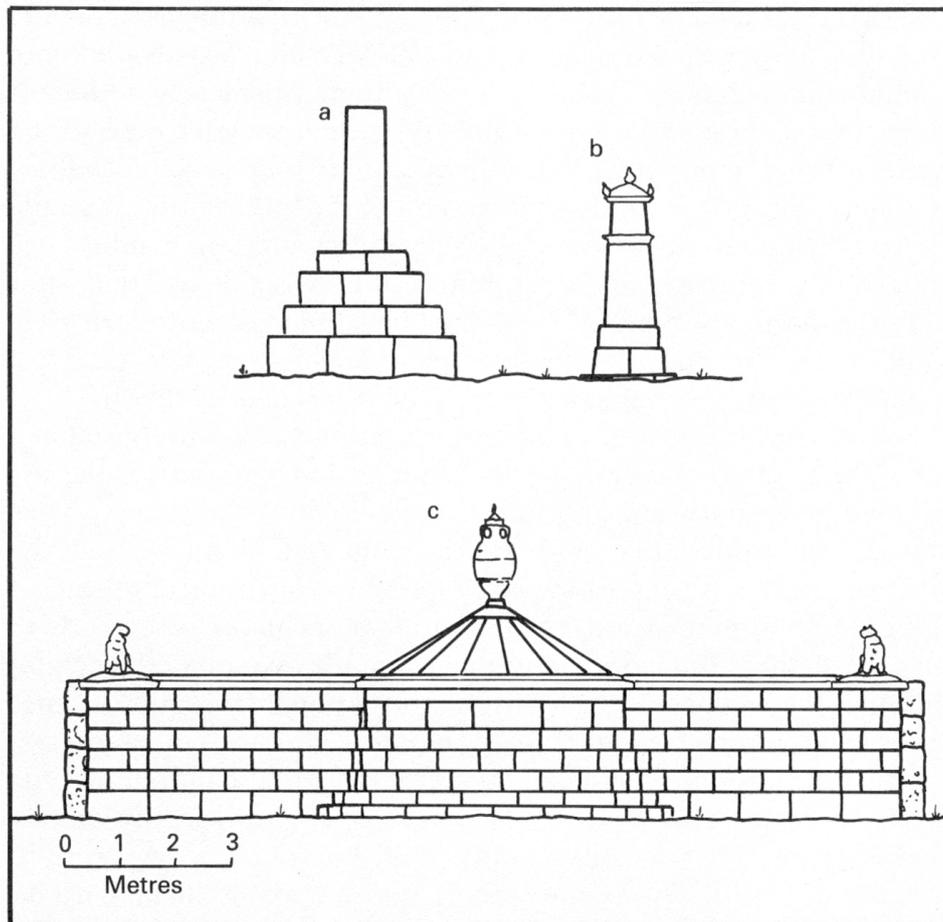


Fig. 33: Monumentos do estado para (a) Pitágoras de Selymbria (c. 450 a.C.), (b) os embaixadores da Córçira (433/2 a.C.) e (c) a tumba em Horos 3 (c. 350 a.C.) no Cemitério do Cerâmico, em Atenas.

Na verdade, as casas/famílias começam a re-apropriar-se, em detrimento da pólis, da glória e da homenagem aos seus mortos. O célebre precinto de Dexileos (morto na guerra de Corinto em 394) é um bom exemplo (fig. 34). A sua família erigiu um cenotáfio no Cerâmico, mostrando-o sobre seu cavalos, massacrando os inimigos. Seu nome foi preservado em um monumento erigido para os 'nobres cavaleiros' mortos naquele ano e foi, sem dúvida, inscrito novamente na listagem de baixas na sepultura pública em que ele foi enterrado. A iconografia do monumento de Dexileos é muito similar àquela de um relevo do início dos anos 420, que está agora na Villa Albani e que, provavelmente, provém de uma sepultura do tempo da guerra. Percebe-se uma mudança no referencial externo dos monumentos dos ricos em torno de 400. No lugar de um túmulo heróico ou de um túmulo de tijolos de barro, como aqueles do século

	<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		14 de 19

sexto, a nova tendência era assumir os símbolos por meio dos quais a pólis canalizava a glória dos mortos de guerra para uma finalidade comum. Podemos traçar esse processo desde os anos 410, quando um relevo com a mesma iconografia foi erigido em Chalandri, umas poucas milhas ao norte de Atenas com uma inscrição proclamando: “e a minha terra sabe quantos inimigos eu destruí... testemunhe quantos troféus de minha coragem em batalha eu pude erigir” [JG II 7716]. O custo do túmulo de Diotodos, no discurso de Lísias [32.21], assume uma outra dimensão quando sabemos que ele foi morto em batalha, em Éfeso, em 409. Não apenas a sua família assume o que antes era de direito do Estado, homenagear a sua morte, mas seus filhos até processaram o tio Diogeiton pelo fato de não o ter feito tão suntuosamente quanto deveria. Tudo isto acontecendo em uma época em que Atenas ainda estava pagando a dívida da guerra contra Esparta.

Humphreys propõe que “os funerais do Estado, para os mortos na guerra, foram a primeira coisa a tornar acessível a todo cidadão as honras do enterramento heróico” (1980: 123). Eu acredito, no entanto, que foi justamente o contrário: no século V, os funerais estatais tiraram o direito de um enterramento heróico até do mais rico cidadão. Já vimos como, antes de 425, havia uma certa tensão entre o ideal comum de Atenas e alguns desejos individuais de expor um status mais elevado em relação ao cidadão comum e vimos também como, em alguns casos, as restrições foram rompidas. Nos anos 420, muitos entre os ricos erigiram seu próprio monumento funerário, às vezes até apoderando-se dos símbolos da cidade. Os dados arqueológicos permitem-nos perceber como a construção social do significado mudou ao longo do tempo. O último quartel do século V é o período crucial, já que os ricos tomam conta do que havia sido símbolo comunitário e a estruturação dos rituais de enterramento começa a se afrouxar ao mesmo tempo em que ocorre um gasto maior neste tipo de atividade, da pólis e dos indivíduos.

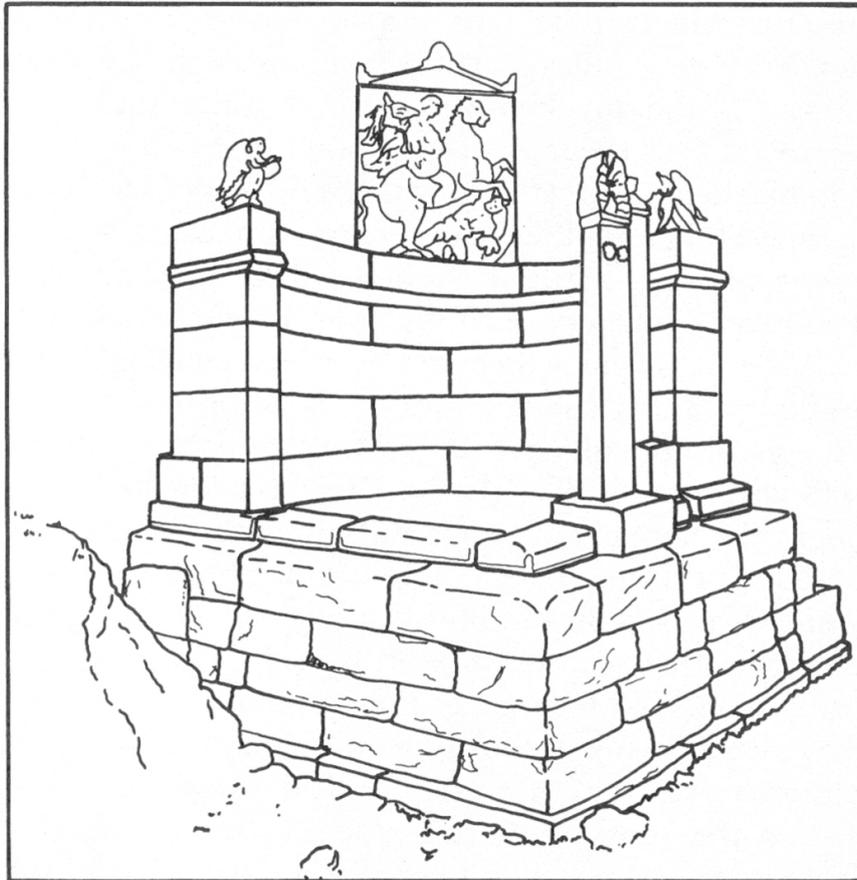


Fig. 34: O monumento a Dexileos, c. 394 a.C.

### **O grande quadro**

Processo semelhante de restrição e ostentação nos rituais funerários ocorre em toda a área egéia. Em 500, declina a ostentação em toda parte, até mesmo nas áreas mais marginais. Há pouquíssimos monumentos funerários no mundo helênico. Uma meia dúzia de sepulturas em câmara em Egina é datada de 450 e várias estelas com relevos e pequenas pedras tumulares foram encontradas pelo Egeu e na Beócia. A única série, com muitos exemplares de estelas, foi encontrada na Tessália, onde as estelas aparecem, enquanto desaparecem na Ática (fig. 35). Há algumas sepulturas em câmara da primeira metade do século quinto em Farsala e em Kranon, mas estas são bem menos imponentes que suas antecessoras com túmulos enormes.

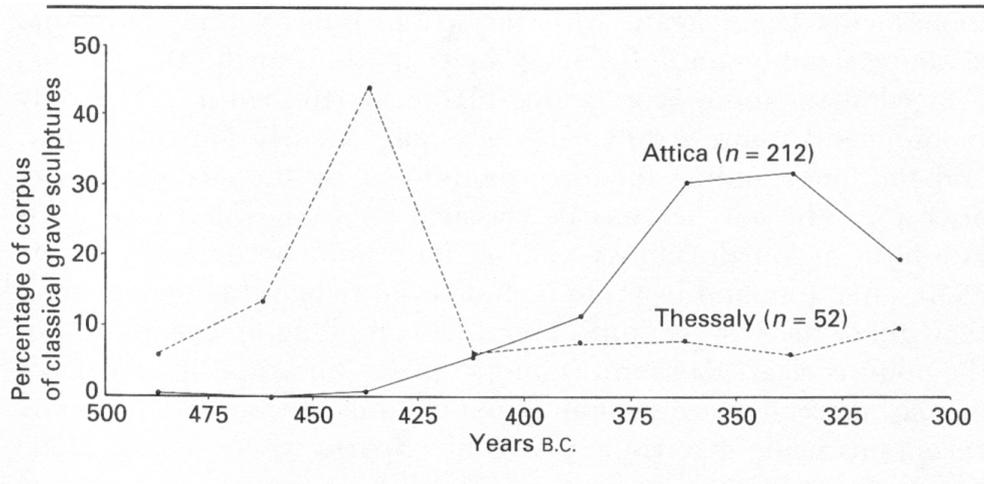


Fig. 35: O uso de estelas funerárias na Tessália e em Atenas, c. 500-300 a.C.

As restrições acabam em torno de 400 em toda parte. Nas fronteiras, os monumentos Lícios começam de novo com a magnífica tumba das Nereidas e permanecem, sempre mais numerosos e imponentes, até o período romano. No norte, os túmulos em abóbada – sepultura do tipo macedônico –, começam no século quarto. A única tumba monumental em Olinto é do início do século IV e, ali, os monumentos funerários que foram encontrados perto das portas da cidade, datam todos do século IV. O único túmulo monumental jamais encontrado em Corinto é do final do século V e início do IV. Os túmulos tessálios tornam-se imponentes em torno de 400 e passam a incluir um mobiliário funerário muito mais rico até do que a de seus antecessores do século VI. E, como estes, eu poderia mencionar muito mais exemplos. A conclusão geral é que há restrições importantes quanto à suntuosidade das sepulturas entre 500 e 425 e, em seguida, ocorre uma acentuação generalizada de exposição de riqueza nos túmulos, isto é um fenômeno genuinamente pan-helênico. As únicas exceções são as localidades, como Esparta, em que as sepulturas foram alteradas e, então, elas não constituem um documento confiável.

Tentar entender as restrições privadas com relação à ostentação em sepulturas como se isto espelhasse o sepultamento promovido pelo Estado dos soldados tombados na guerra não serve para as cidades afora Atenas. Outras cidades enterraram, muito comumente, os seus homens mortos na guerra no próprio campo de batalha. Poderíamos afirmar talvez que a hegemonia ateniense fosse tão forte que interferisse neste tipo de restrição nas demais *póleis* do mundo grego. Mesmo que esta posição seja plausível em 425 – nem falemos com relação a 500 –, ela não nos ajuda a compreender como funcionava a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		17 de 19									

restrição em outras localidades fora de Atenas. Como entender essas restrições, por exemplo, em uma cidade tão pouco democrática como Tebas? Quando as nossas fontes falam das leis de restrição da ostentação funerária, as causas mencionadas são sempre religiosas muito mais do que políticas. Uma resposta ao problema de transferir o modelo ateniense para outros estados seria procurar explicações mais intelectuais. Entretanto, não há qualquer evidência para uma mudança maciça nas crenças a respeito da vida após a morte que teria provocado as mudanças nos rituais funerários.

Aubrey Cannon oferece uma explicação interessante para esse tipo de fenômeno que nós verificamos: propõe uma lei do que ele denomina 'redundância expressiva' para explicar os ciclos de longa duração na ostentação. Ele percebe que quando o nível geral do gasto funerário é elevado, é entre os mais ricos que a ostentação declina em primeiro lugar e, então, os funerais mais modestos tornam-se um símbolo de 'bom gosto', prática que se difunde aos poucos entre os menos ricos. Esse padrão, segundo este autor, não tem nada a ver com tendências democráticas ou aristocráticas, ao contrário, qualquer estilo de simbolismo mortuário tem um ponto além do qual ele deixa de impressionar as pessoas e a única estratégia de chamar a atenção passa a ser a simplicidade. É a diferença e não a forma que ela assume que conta mais quando se está usando o simbolismo para a criação de uma hierarquia.

Há, nesta posição, dois pontos que merecem discussão:

Em primeiro lugar, como traçamos linhas entre sistemas culturais? Ver um enterramento muito simples de um nobre em Farsalos não era, sem dúvida, a mesma coisa do que ver o mesmo em Atenas, mesmo se os observadores soubessem que a restrição da ostentação de riqueza mortuária fosse um costume 'grego'. A aristocracia tessália tinha as suas próprias tradições de simbolismos e uma história de uso da riqueza muito diferente daquela típica de Atenas. Será que há explicações que sirvam para os dois casos? Por outro lado, será que uma explicação para Atenas interessa se ela não explicar também a Tessália?

Em segundo lugar, coloca-se o problema do controle social do simbolismo. De acordo com o modelo de Cannon, os poucos sempre controlam os muitos, independentemente da estrutura social ser democrática ou aristocrática. Isto levaria os ricos a sempre competirem para poder se distanciar dos mais pobres. De acordo com Nicole Loraux, os ideais democráticos foram minados, a partir de dentro, pelos valores e modelos representativos aristocráticos.

Tentando combinar as duas posições, poderíamos ver uma tendência entre os ricos de restrição da ostentação funerária por toda a Grécia no início

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca	18 de 19										

dos anos 500. Tendência que, em Atenas, foi crescendo à medida que o poder popular se consolidava como parte de um sistema simbólico que focaliza os monumentos estatais. Essa democratização pode ter sido menos importante em outras localidades. É amplamente aceito e de forma ingênua que as restrições dos ritos funerários foi imposta por uma lei de cunho democrático. Entretanto, isto não é necessariamente verdadeiro. Da mesma forma como argumentei, que a democracia ateniense assumiu os símbolos da pólis nos anos 420, assim também o povo pode ter assumido as restrições nos anos 480, provocando uma reviravolta radical nos costumes pan-helênicos.

A volta dos monumentos em 425 poderia encaixar-se no modelo cíclico de Cannon, mas, mesmo aceitando a redundância expressiva como explicação, temos que perguntar: por quê? Por que o capital simbólico da restrição não terminou antes ou continuou um pouco mais? O modelo reduz os enterramentos a uma parte da respiração interminável de um mundo artístico autônomo que oscila, para sempre, entre pólos de ostentação e restrição. Assim, nós precisamos de uma abordagem mais particularizada.

### **Grupos e indivíduos.**

Morris propõe nesta parte focalizar os padrões de enterramento em uma perspectiva mais ampliada da longa duração, identificando uma oscilação entre a predominância do indivíduo e a predominância do grupo. Segundo este autor, o grupo predomina durante o século V, enquanto o indivíduo predomina no século IV.

Em resumo a proposta dele é a seguinte (pp. 152-153):

Proponho, como hipótese, que o século V foi uma época em que a ostentação sofreu uma alteração em toda a Grécia como parte do fortalecimento da ideia do comum e não como uma manifestação sutil da elite de controle das massas. Essa 'ideia do comum' teria tido muitos sentidos em Esparta, Atenas, Tessália, Corcira, mas, de toda forma, nós estaríamos lidando com rituais que criam estruturas sociais mais igualitárias e solidárias do que aquelas do século VI e provavelmente do século IV.

O seu desaparecimento teria sido um processo complexo que é melhor compreendido como um afrouxamento dos laços comunitários da pólis muito mais do que o fim abrupto de um ciclo histórico da ostentação voltada para o

	<b>Monumentos aos Mortos: Ostentação e Riqueza na Grécia Clássica</b>	Jan / 2010
labeca		19 de 19

grupo. As mudanças nos marcadores de túmulos não coincidem com o declínio da construção de templos ou com o declínio das oferendas ricas, e nem as casas particulares tornam-se subitamente espetaculares.